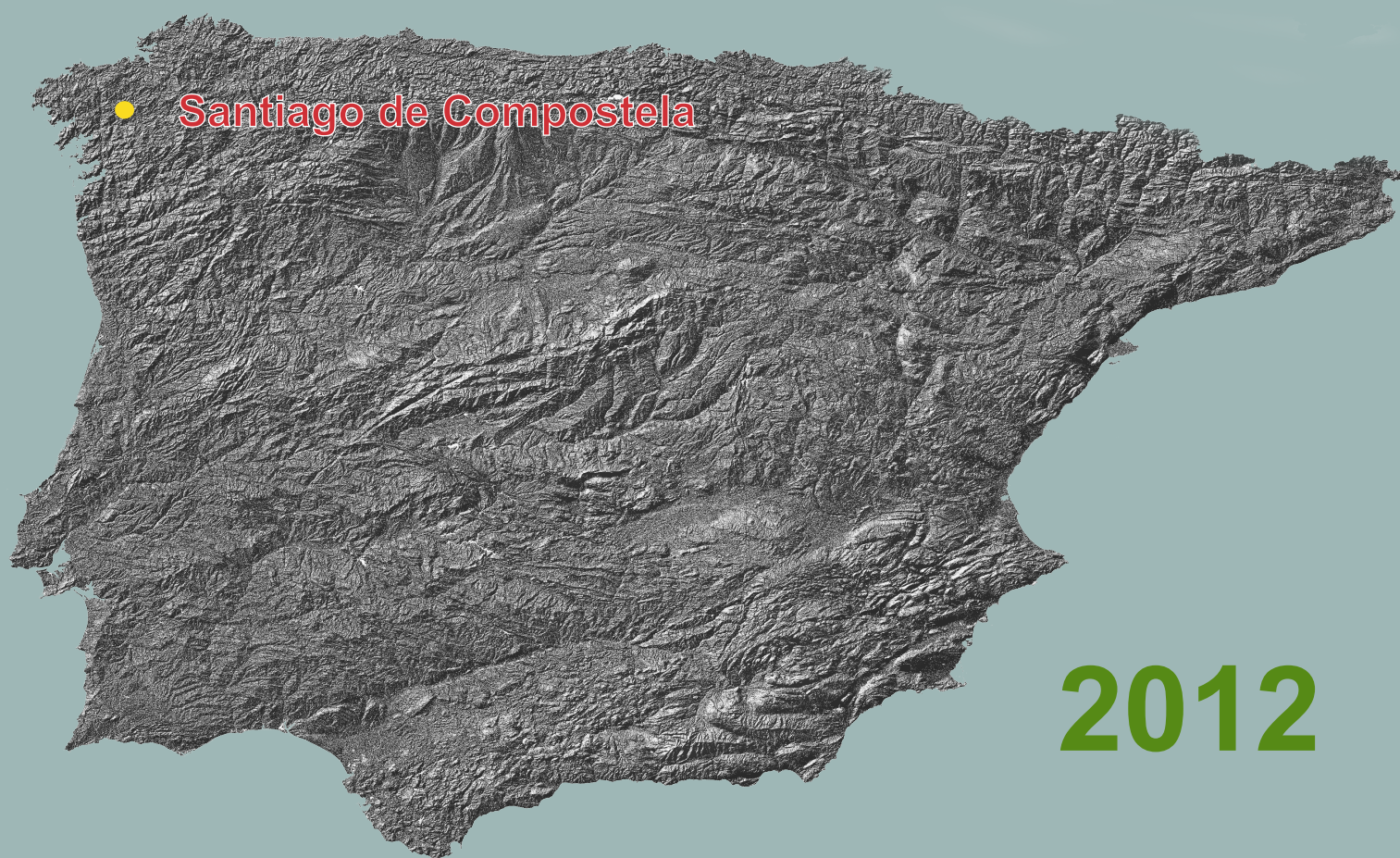




# XIII Coloquio Ibérico de Geografía

*Respuestas de la Geografía Ibérica a la crisis actual*



## **Coordinadores**

---

Dominic Royé  
José Antonio Aldrey Vázquez  
Marcos Valcárcel Díaz  
Miguel Pazos Otón  
María José Piñeira Mantiñán





# **XIII Coloquio Ibérico de Geografía**

---

Respuestas de la Geografía Ibérica a la crisis actual

***SANTIAGO DE COMPOSTELA***

24 – 27 de octubre 2012

**COORDINADORES**

Dominic Royé  
José Antonio Aldrey Vázquez  
Miguel Pazos Otón  
María José Piñeira Mantiñán  
Marcos Valcárcel Díaz

Portada: © Dominic Royé  
Logotipo: © Marcos Valcárcel Díaz  
Mapa: © Jesús Horacio  
Producción: Unidixital  
© Meubook  
ISBN: 978-84-940469-7-1  
D.L.: C 2129-2012

# AS POTENCILIDADES DIDÁTICAS DAS VISITAS DE ESTUDO: A PERCEÇÃO DOS ALUNOS SOBRE A APRENDIZAGEM DESENVOLVIDA

**OLIVEIRA, HÉLDER**

Faculdade de Letras da Universidade do Porto  
helquintas@hotmail.com

## **Resumo**

Realizado no contexto do estágio pedagógico da formação inicial de professores de Geografia e História da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, a presente comunicação dá a conhecer a perceção que alunos de duas turmas do 7.º ano da escolaridade básica, de uma escola do Grande Porto, manifestaram acerca do desenvolvimento da sua aprendizagem, durante uma visita de estudo. Os alunos gostaram e consideraram que aprenderam, devido a vários aspetos, destacando a atividade como única, marcante e significativa, pela multiplicidade de estímulos que despertou.

**Palavras-chave:** visitas de estudo, didática da geografia, didática da história.

## **Abstract**

Held in the context of initial training of History and Geography teachers of the Faculty of Arts, University of Porto, this communication gives the perception that students from two classes of the 7th year of basic education, a school of Porto's district, express about the development of their learning during a field trip. Students liked and felt they learned, due to several aspects, highlighting the activity as a single, striking and significant, for the plethora of stimuli that aroused.

**Key words:** field trip, teaching Geography, teaching History.

## **1. INTRODUÇÃO**

A presente comunicação é resultado do trabalho desenvolvido no âmbito do estágio pedagógico da formação inicial de professores, do Mestrado em Ensino de História e Geografia no 3.º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, durante o ano letivo 2010/2011. Aproveitando o contexto de iniciação à prática profissional, foi idealizada uma experiência de ensino- aprendizagem interdisciplinar em que se procurou fomentar a integração de saberes geográficos e históricos. Tendo esse desiderato bem delineado, a concretização da experiência verificou-se através da realização de uma visita de estudo a Conímbriga e ao vale do Baixo Mondego, rentabilizando as potencialidades didáticas das visitas de estudo para o conhecimento e exploração dos territórios, no contexto das disciplinas curriculares de História e Geografia. Nesta experiência educativa foram envolvidas duas turmas do 7.º ano da Escola E. B. 2,3 de Custóias – Matosinhos, escola onde se realizou o estágio.

Após a realização da visita de estudo foi solicitada a opinião, por escrito, de cada aluno, relativamente à atividade, o que permitiu realizar uma análise ao conteúdo das respostas e perceber, de que forma, os alunos perceberam o desenvolvimento da sua aprendizagem durante a experiência educativa.

## **2. VISITAS DE ESTUDO: CONCEITO, POTENCIALIDADES DIDÁTICAS E PLANIFICAÇÃO**

A estratégia escolhida para concretizarmos a experiência de aprendizagem em que potenciámos a integração de saberes geográficos e históricos foi, como já referimos, a visita de estudo. A conceção que aqui adotamos de visitas de estudo está intimamente relacionada com o contexto educativo, isto é, deve ser enquadrada enquanto uma situação educativa curricular, inserida nas atividades letivas das disciplinas de Geografia e História do 3.º Ciclo do Ensino Básico em Portugal, mais propriamente do 7.º ano de escolaridade.

Tendo noção deste enquadramento, afigura-se necessário perceber, concretamente, do que estamos a falar, procurando esboçar um conceito, tendo consciência das potencialidades didáticas do método de ensino/aprendizagem e, conhecendo as suas implicações relativamente à planificação curricular/letiva.

### **2.1. Um conceito de visita de estudo**

Condição fundamental para retirar o máximo proveito das visitas de estudo é a noção do seu significado e implicações. Várias vezes, em contextos exteriores ao da escola e, mesmo dentro das escolas, não há uma noção clara da finalidade pedagógica e didática que tem que estar inerente a esta estratégia. Muitas vezes as visitas de estudo são confundidas com meros passeios turísticos.

Para além destas confusões, somos confrontados, em diversos contextos, com uma multiplicidade de termos como saída de campo, visita de campo, trabalho de campo e saída de estudo que, muitas vezes, são tidas como sinónimos de visita de estudo. É importante termos a noção de que isso não é verdade, principalmente para quem é agente ativo de uma comunidade educativa.

Como o leitor já percebeu, e discussões semânticas à parte, neste trabalho utilizamos, claramente o termo de “visita de estudo”. Tal opção deve-se a duas razões fundamentais e indissociáveis: o facto do termo “visita de estudo” ser aquele que é empregue com maior frequência no contexto educativo português, particularmente no ensino básico e secundário e o facto de todos os documentos legais e normativos, de organismos que tutelam o sistema educativo, utilizarem, também, o termo “visita de estudo”.

Assim, é importante percebermos que entendimento implícito e explícito está presente nos documentos legais e normativos relativos às visitas de estudo. O documento normativo específico, atualmente em vigor, sobre visitas de estudo é um Ofício-circular, emitido pelas Direções Regionais de Educação, em 2004.

O Ofício-circular 21/04 de 11 de Março vem explicitar e concretizar o conceito de visita de estudo para o ensino básico e secundário em Portugal.

Segundo este documento normativo, *“deverá considerar-se visita de estudo toda e qualquer actividade decorrente do Projecto Educativo de Escola e enquadrável no âmbito do desenvolvimento de projectos curriculares de escola/agrupamento e de turma, quando realizada fora do espaço físico da escola e ou da sala de aula. Nesta acepção uma visita de estudo é sempre uma actividade curricular, intencionalmente planeada, servindo objectivos e conteúdos curriculares disciplinares e não disciplinares, logo uma actividade lectiva,*

*obrigatória para todos os alunos da turma ou para um conjunto de turmas para a qual foi estruturada”* (Ofício-circular n.º 21/04 de 11 de Março. Direção Regional de Educação do Norte, 2004).

Salientamos, nesta definição, a circunstância das visitas de estudo serem consideradas uma atividade curricular e letiva, entendida como estratégia de ensino-aprendizagem de complemento e enriquecimento da ação educativa. Deve, por isso, ser planificada de forma a corresponder aos objetivos definidos e aos conteúdos que se pretendem desenvolver.

## **2.2. Um conceito de visita de estudo**

Essencial para rentabilizar a recurso a esta estratégia, no processo de ensino-aprendizagem é o conhecimento das potencialidades didáticas que esta apresenta, particularmente no ensino da Geografia e da História.

Às visitas de estudo, no contexto do ensino básico e secundário, está associada uma função pedagógica generalista e abrangente, em termos curriculares e disciplinares.

Entendemos, à semelhança do enquadramento normativo português, que a visita de estudo é uma atividade letiva. Uma atividade letiva diferente pelo facto de decorrer fora da sala de aula. Contudo, a visita de estudo é uma aula que acontece em espaços diferentes do tradicional. Esta quebra da rotina é, à partida, um fator motivacional e estimulante para os alunos, afigurando-se como uma potencialidade desta estratégia, a tirar proveito.

A componente lúdica, normalmente associada às visitas de estudo, é outro aspeto que estimula e motiva os alunos, propiciando um maior comprometimento e empenhamento por parte dos alunos

Do ponto de vista didático, as visitas de estudo potenciam a assimilação dos conhecimentos pois, podem ser um momento de concretização do saber teórico e abstrato da sala de aula, por via do acesso direto e planificado a conteúdos de aprendizagem, aproveitando as potencialidades pedagógicas do meio. Assumem-se, ainda, como situações educativas em que a utilidade do saber científico é demonstrada, recorrendo-se a exemplos concretos, que proporcionam uma aprendizagem significativa, através da interligação que se estabelece entre a teoria e a prática.

As vantagens do recurso às visitas de estudo estendem-se ao desenvolvimento das relações interpessoais, consubstanciando-se numa melhoria das relações professor/aluno e aluno/professor; ao desenvolvimento de valores e atitudes de sociabilidade, cooperação, respeito e preservação do património histórico, cultural e natural e, ao desenvolvimento da capacidade de observação, pesquisa e análise.

Assim, a visita de estudo é uma estratégia que concorre para a efetivação de uma educação para a cidadania pois, através dela, os alunos desenvolvem valores e atitudes indispensáveis aos cidadãos informados, críticos, ativos, éticos e integrados na comunidade.

No âmbito da educação geográfica e histórica, a visita de estudo desempenha um papel cimeiro na rentabilização do potencial didático da observação direta de diferentes espaços, territórios e paisagens, fomentando a curiosidade pela interpretação dos fenómenos geográficos e pela leitura histórica dos espaços. É, assim, uma importante estratégia para desenvolver a consciência cívica e o sentido de identidade dos alunos, fomentando a integração comunitária.

### **2.3. Planificar uma visita de estudo**

Para que uma visita de estudo seja uma realidade, existe a necessidade de percorrer todo um circuito de procedimentos, que envolve o enquadramento curricular, a definição do local da visita, a definição de objetivos, a aprovação institucional e pedagógica (nos diversos órgãos da escola), a visita de reconhecimento (verificando a segurança dos locais a visitar e múltiplos outros aspetos), a logística (transporte, contactos com as instituições responsáveis pelos locais a visitar e autorização dos Encarregados de Educação), a preparação científica e pedagógica do professor, o trabalho de motivação junto dos alunos e a elaboração recursos e planos didáticos.

Todos estes passos/etapas da organização de uma visita de estudo são fundamentais e constituem momentos metodológicos de organização e planificação duma experiência educativa desta natureza.

Na situação educativa concreta que analisamos, os recursos principais utilizados durante a visita de estudo foram o roteiro (com múltiplas informações e tarefas para os alunos realizarem, incluindo mapas) e um guião para a realização de um *peddy-paper* no castelo de Montemor-o-Velho. Isto para além de todas as potencialidades didáticas que a observação das paisagens e dos diferentes espaços visitados permitem explorar.

No rescaldo da realização da visita de estudo, os alunos realizaram uma análise ao que sucedeu durante o dia. A informação e as mensagens que os alunos registaram foram tratadas segundo a técnicas de análise de conteúdo. É o resultado dessa análise que apresentaremos de seguida.

## **3. A PERCEÇÃO DOS ALUNOS SOBRE O DESENVOLVIMENTO DA SUA APRENDIZAGEM DURANTE A VISITA DE ESTUDO**

Para que o professor melhore e analise de forma integral o processo de ensino-aprendizagem, tem que prever momentos em que obtenha o *feedback* dos alunos.

Na visita de estudo que analisamos, na presente comunicação, um dos momentos de *feedback* consubstanciou-se, como já dissemos, na realização de uma análise/reflexão dos alunos sobre os diferentes momentos e experiências vivenciadas durante a experiência de aprendizagem. Procurámos, assim, perceber de que forma os alunos perceberam a construção da sua própria aprendizagem.

Pedia-se aos alunos, nesse balanço, uma reflexão sobre aprendizagem que desenvolveram, assinalando os momentos que mais gostaram e que menos gostaram, os momentos ou aspetos que mais os surpreenderam, bem como outros assuntos que sentissem que valesse a pena acrescentarem para completarem a sua reflexão e melhorarem atividades deste género no futuro.

O estudo foi implementado com uma amostra de 43 alunos, sendo que 23 dos quais eram rapazes e os restantes 20 raparigas, de duas turmas do 7.º ano de escolaridade, no ano letivo 2010/2011, da Escola Básica 2,3 de Custóias, em Matosinhos.

### **3.1. Os procedimentos de análise dos dados**

Para o tratamento dos dados, que as reflexões e opiniões escritas, expressas pelos alunos, sobre a visita de estudo, forneceram, recorreremos a técnicas de análise de conteúdo.

Sendo uma técnica muito frequente em investigações educacionais, entendemos, em consonância com Esteves (2006: 107) que a análise de conteúdo é “*sempre um trabalho de economia, de redução da informação, segundo determinadas regras, ao serviço da sua*



*compreensão para lá do que a apreensão de superfície das comunicações permitiria alcançar.”*

No caso concreto em análise, os dados foram suscitados pelo investigador/professor, uma vez que foi este que solicitou a opinião e análise aos alunos.

Os dados recolhidos foram objeto, em primeiro lugar, de uma leitura flutuante *“para que o investigador se deixe impregnar pela natureza dos discursos recolhidos e pelos sentidos gerais neles contidos a fim de começar a vislumbrar o sistema de categorias a usar para o tratamento”* (Esteves, 2006: 113).

O procedimento seguinte, neste processo de análise qualitativa da informação foi, então, a categorização. É nesta fase de análise do conteúdo que se concretiza o trabalho de economia e redução da informação disponível, através da criação de categorias de análise.

Tendo por base os dados e a informação fornecida pelos alunos definimos duas categorias de análise. A primeira delas abarca as mensagens em que os alunos manifestam as razões e os aspetos que os levaram a aderir à experiência de ensino-aprendizagem, positivamente. A segunda categoria abrange o conteúdo que está relacionado com razões/aspetos apontados pelos alunos como parcialmente negativos na experiência de ensino aprendizagem.

A constituição destas categorias foi feita a partir de um procedimento aberto, pois estas foram definidas com base nas opiniões que os alunos apresentaram. As categorias são, fundamentalmente, classes em que são agrupados os dados contidos no material e julgados pertinentes para reconfigurar o mesmo ao serviço dos objetivos da investigação (Esteves, 2006).

Após a criação de categorias, a informação foi organizada em grelhas de análise de conteúdo e, em cada uma delas, foram definidos diferentes indicadores. Os indicadores *“ajudam a compreender melhor o sentido da própria categoria, de acordo com a óptica dos inquiridos. Os indicadores representam inferências do investigador a partir das unidades de registo que tem perante si, mas são inferências ainda muito próximas do conteúdo manifesto das comunicações”* (Esteves, 2006, p. 116).

Os procedimentos que utilizamos para a análise de conteúdo estão implicados com os objetivos da investigação, procuramos através do recurso a esta técnica fazer emergir a perceção que os alunos apresentaram sobre uma experiência de ensino-aprendizagem, como foi a visita de estudo a Conímbriga e ao vale do Baixo Mondego.

### **3.2. Resultados**

A organização da informação em grelhas de análise de conteúdo permitiu-nos avançar para o trabalho de interpretação das mensagens transmitidas pelos alunos acerca do desenvolvimento da sua aprendizagem, no contexto da visita de estudo em que participaram.

Verificamos os alunos valorizaram a visita de estudo pelo facto desta ter possibilitado um contacto direto com o objeto de estudo: *“Eu gostei da visita, e achei que foi importante vermos tudo ao vivo e a cores.”*

No mesmo sentido, houve alunos que reforçaram que foi a melhor visita de estudo em que participaram, evidenciando o significado que a experiência teve para eles: *“[...] foi uma experiência única, porque estar com os meus amigos, aprender mais, foi divertido. [...]. Esta foi sem dúvida o melhor passeio que já tive.”*

A motivação que sentiram foi, também, fundamental para os alunos desenvolverem a sua aprendizagem: *“Nesta visita de estudo aprendi imenso porque ao saber que não são apenas as pessoas do séc. XXI que já inventaram o sistema de esgotos e que naquele tempo já existiam saunas faz-me sentir mais motivada para aprender sobre este povo que conquistou um vasto império.”*

Foram destacadas e especificadas, por vários alunos, algumas aprendizagens que desenvolveram, referindo-se à forma e ao contexto em que a aprendizagem se processou: “Acho que a visita de estudo foi muito instrutiva aprendi muito sobre a arquitectura romana como eles faziam as termas, como aqueciam as piscinas de água quente, como faziam chegar a água a determinados sítios.”; “Eu aprendi em Geografia que há paisagens que tem aspecto de ser naturais e não humanizadas, mas no entanto, são humanizadas.”; “Adorei poder ver construções feitas pelos romanos há séculos atrás, [...]. Também gostei muito do Museu Monográfico, os vestígios que eu mais gostei foram os vestígios do Cristianismo e o busto do 1.º imperador de Roma.”

O papel dos professores enquanto orientadores do processo de ensino-aprendizagem, também, foi destacado pelos alunos: “Os professores foram muito simpáticos, explicaram tudo e ao mesmo tempo foram divertidos.”; “Penso que o professor (...) é muito bom naquilo que faz, pois ele explica muito bem as coisas.”

As paisagens observadas mereceram, também a atenção dos alunos, destacando, alguns, particularidades e elementos caracterizadores dos territórios por onde passaram, como podemos ver nas seguintes transcrições: “O que me surpreendeu foi a paisagem vista do castelo para a vila.”; “[...] daquilo que vi gostei das ruínas e do castelo de Montemor-o-Velho [...] . [...] passamos por muitos rios, alguns que não conhecia, gostei bastante de Conímbriga.”

Os momentos lúdicos e de convívio são alvos frequentes de referência por parte dos alunos e, sem dúvida, contribuíram para a adesão dos alunos à experiência de aprendizagem. Estes momentos são apontados pelos estudantes como marcantes e inesquecíveis, pelas experiências de sociabilização e reforço dos laços de amizade e companheirismo que os une, muito potenciado pela estratégia de ensino/aprendizagem seguida, como podemos concluir de seguida: “[...] o convívio foi muito importante e graças aos professores tivemos liberdade o que foi maravilhoso! [...] Gostei muito também da hora do almoço e da viagem de camioneta. Foi muito bom, porque foi uma pausa de brincadeira.”

Relativamente às estratégias e recursos utilizados na visita de estudo, os alunos evidenciaram, na sua reflexão, desde logo, o *peddy-paper*. As razões para esse destaque são diversas. Alguns alunos salientaram o valor educativo da atividade e ao, mesmo tempo, a possibilidade de se divertirem e conhecerem o Castelo de Montemor-o-Velho e observarem a paisagem do vale do Baixo Mondego, desenvolvendo, assim, a sua aprendizagem. Foram, também, evidenciadas as potencialidades do *peddy-paper* no fomento do trabalho de grupo e na vertente de desafio que motivou os alunos a solucionarem as suas tarefas em equipa: “Penso que a parte mais divertida foi quando realizamos o *peddy-paper* no castelo. É uma forma divertida e cativante de se aprender mais, tanto em História como Geografia, e é por isso que gostei mais do *peddy-paper*.”; “Em primeiro lugar, quando fomos a Conímbriga durante o percurso até ao fim adorei a ideia de um roteiro. [...] adorei [...] na hora de almoço relatar os elementos da paisagem espectacular.”; “O que mais me divertiu foi o *peddy-paper* porque ensinou-nos a trabalhar em conjunto.”

Naturalmente, os alunos apontaram, também, algumas razões e aspetos que consideraram negativos e que ocorreram durante a atividade. No entanto, as referências a aspetos negativos são muito residuais, quando comparadas com a quantidade de referências positivas.

Esses aspetos negativos foram agrupados numa categoria, que foi desagregada em 6 indicadores. São eles: “elementos externos à atividade”; “momentos de barulho, de confusão e de menor interesse”; “pelos espaços visitados” (com apenas 3 referências: 2 ao museu e 1 às ruínas); “pelas estratégias e recursos utilizados” (com uma referência para o *peddy-paper*, e outras duas para uma tarefa concreta do roteiro da visita de estudo); “pelo pouco tempo que houve para visitar” e “pelo cansaço causado por algumas atividades e tempo de espera”. Um

exemplo concreto dos aspetos menos positivos apontados pelos alunos é o testemunho seguinte: “*As partes que eu menos gostei foi no castelo de fazer o peddy-paper com os sacos. Foi um pouco cansativo andar a correr de um lado para o outro com as coisas atrás. De resto gostei de tudo.*”

Estamos perante aspetos negativos que não põem minimamente em causa o valor da experiência de ensino-aprendizagem concretizada. São referências residuais e que, naturalmente, têm que ser consideradas.

#### 4. NOTAS FINAIS

Após analisarmos o conteúdo dos comentários e opiniões dos alunos em relação ao desenvolvimento da sua aprendizagem, verificamos que aqueles tiveram uma opinião extremamente positiva em relação à situação educativa planificada, consubstanciada numa visita de estudo a Conímbriga e ao vale do Baixo Mondego.

Conseguimos identificar alguns aspetos fundamentais, destacados pelos alunos e que contribuíram para tal opinião generalizada. São eles:

- As emoções/sensações e apreciações gerais que a visita de estudo suscitou (entres eles o interesse que despertou, desejo de repetir a experiência);
- O valor educativo da visita de estudo e as aprendizagens desenvolvidas;
- O papel desempenhado pelos professores (pela forma como organizaram e coordenaram a visita de estudo);
- Os locais visitados e as paisagens observadas (merecendo menção todos os locais suscetíveis de referência);
- Os momentos lúdicos e de convívio proporcionados pela visita de estudo;
- As estratégias e recursos utilizados (com destaque primordial para o *peddy-paper*, mas, também, para o roteiro da visita de estudo).

Não restam dúvidas que, para os alunos, a experiência de integração de saberes, potenciada pela visita de estudo, foi motivadora, pelos diversos motivos apresentados, pelos próprios, e que colocam em evidência as potencialidades didáticas das visitas de estudo.

As opiniões dos alunos permitem concluir que a visita de estudo, com recurso à paisagem, às potencialidades pedagógicas dos espaços visitados e a outros recursos e estratégias didáticas motivadoras (com destaque para o *peddy-paper* e para o roteiro da visita de estudo), possibilitou a realização de uma experiência interdisciplinar onde se estabeleceu um diálogo entre as duas disciplinas curriculares que se complementam.

A visita de estudo facilitou a assimilação dos conhecimentos pela motivação suscitada junto dos alunos e pela oportunidade que estes tiveram de ter acesso a um ensino concreto com experiências educativas em que foi possível interligar a teoria com a prática, proporcionando uma aprendizagem significativa.

A aprendizagem desenvolveu-se naturalmente e foi significativa, também, porque o ambiente educativo proporcionou o desenvolvimento das relações interpessoais, melhorando as relações professor/aluno e aluno/professor e aluno/aluno.

Pensamos que toda esta experiência de ensino/aprendizagem mostrou que as visitas de estudo e as estratégias e recursos nelas utilizadas contribuíram para a promoção e desenvolvimento de uma educação integral (porque abrangente, global e completa) e integradora (porque integra e é fornecedora de sistemas e quadros globais de perceção do real).

## BIBLIOGRAFÍA

ALMEIDA, A. (1998): *Visitas de estudo: concepções e eficácia na aprendizagem*. Lisboa, Livros Horizonte

BARDIN, L. (2009): *Análise de Conteúdo*. Lisboa, Edições 70

BOYLE, A. [et. al]: “Fieldwork is Good: the Student Perception and the Affective Domain”, *Journal of Geography in Higher Education*, n.º 31:2, págs. 299-317

ESTEVES, M. (2006): “Análise de Conteúdo”, *Fazer investigação: contributos para a elaboração de dissertações de teses*. Porto, Porto Editora, págs. 105-125.

MONTEIRO, M. (1995): “Intercâmbios e visitas de estudo”, *Novas Metodologias em Educação*. Porto, Porto Editora, págs. 173-196

OLIVEIRA, H. (2011): *Geografia, História e Paisagem: uma experiência pedagógica de integração de saberes no âmbito de uma visita de estudo*. Porto, FLUP (Tese de Mestrado)

OFÍCIO-CIRCULAR n.º 21/04 de 11 de Março. *Visitas de estudo ao estrangeiro e em território nacional; intercâmbios escolares; passeios escolares e colónias de férias*. Porto: Direcção Regional de Educação do Norte, 2004.